

POEMA DA MATERNIDADE

*"Quantas vezes em sonho um
homem dorme com a mãe!
É bem mais fácil a vida para quem
dessas coisas não cogita."
(Jocasta em Édipo Rei, de Sófocles)*

Aquela mulher de ancas redondas
Aquela mulher de nesgas no bucho
Aquela mulher de cara enrugada
Aquela mulher de dedos murchos
Aquela mulher é a minha mãe;
Sim ela é a mãe do filho torto
E do que já nasceu morto,
É a mãe das angústias
Dela próprias. É a mãe
Que envelheceu antes do tempo.
É a mãe que não teve filho no Araguaia
Mas seu primogênito foi testar a sorte
No Rio e não
Deu mais sinal de vida

(dizem que o viram num trem suburbano
na Baixada com dentes podres
e bebendo muito).

Aquela mulher é a mãe que não teve
Mãe

E agora é avó viúva há bastante tempo

E trata de cuidar dos netos
Também sem mãos.
Aquela mulher não teve filha torturada
Por Fleury
Mas preferiu torturar-se a si
Pelo destino
Que pariu um filho que ficou maluco
Pra lhe bater e ter justificativa
Que ela aceita.
Aquela mulher é um bicho
De mulher. É a festa
Do resultado inútil
Ela é recôndita como as montanhas dos mares
Ela é a flor do vale
Aquela mulher é a minha mãe;
Sim ela é a mãe do filho gari
Dos infelizes seres que vagam
A essa hora por aí
E a deixam desacompanhada.
Aquela mulher é a estrada
Que leva ao infinito da essência
Do nada. É
A analfabeta. É
A mãe do filho poeta
Que chorou a seu lado com saudades
Do pai que não conheceu
(ela do marido que morreu
do coração). A morte
Jamais porém conseguirá
Lhe lambear a testa
Crespa e bonita
Porque sua esperança é uma lágrima imortal.

Aquela mulher é o verme da vida
Aquela mulher é o sinal
De terra à vista ao náufrago;
Aquela de varizes nas pernas
Aquela de cabelos suarentos
Aquela mulher de olhos que transmitem
Um incontido sofrimento
Aquela mulher de futuro perdido...
Aquela mulher é a minha mãe.
Sim ela é a mãe e a besta
Que vai morrer "de cabeça".